





AS SOMBRAS DA SAMAÚMA: UM DIÁLOGO A LUZ DO SENTIR-PENSAR DA PEDAGOGIA FREIREANA



THE SHADOWS OF THE SAMAÚMA: A DIALOGUE IN THE LIGHT OF FREIREAN PEDAGOGY'S FEELING-THINKING APPROACH

Iana Keila Lima dos Santos Duarte  

Universidade do Estado do Pará

Ivanilde Apoluceno de Oliveira  

Universidade do Estado do Pará

Gisele Nascimento Barroso  

Universidade do Estado do Pará

Resumo: Este artigo analisa os pressupostos da pedagogia de Paulo Freire em diálogo com as práticas educativas do projeto "Samaúma das Palavras", desenvolvido no Museu Sacaca, em Macapá, Amapá. Com base nas narrativas de Paulo Freire, especialmente na obra *À Sombra desta Mangueira* (2015), o texto explora como a integração entre natureza, cultura e educação fomenta uma aprendizagem dialógica, valorizando identidades locais e desenvolvendo a consciência crítica dos participantes. Foi realizada uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, por meio de levantamento bibliográfico de obras de Paulo Freire e de outros teóricos que fundamentam este estudo e entrevistas com visitantes e técnicos do museu. A sistematização e análise das informações estão estruturadas em categorizações temáticas. Os entrevistados foram profissionais da educação que vivenciaram as atividades educativas no espaço do projeto Samaúma das Palavras, bem como educadores museais, responsáveis pela mediação junto aos visitantes no contexto da exposição a céu aberto do Museu Sacaca. O artigo evidencia o potencial dos espaços não escolares como ambientes educativos. Apresenta-se o projeto "Samaúma das Palavras" como exemplo de educação que une emoção e razão, inspirado na dialética do sentir-pensar freireano. Enfatiza-se a importância de práticas pedagógicas que transcendem a sala de aula, promovendo reflexões críticas e aprendizagens significativas ancoradas na diversidade cultural e na sustentabilidade ambiental.

Palavras-chave: Pedagogia Freireana. Projeto "Samaúma das Palavras". Museu Sacaca.

Abstract This article analyzes the tenets of Paulo Freire's pedagogy in dialogue with the educational practices of the "Samaúma das Palavras" project, developed at the Sacaca Museum in Macapá, Amapá. Based on Paulo Freire's narratives, especially in the work *À Sombra desta Mangueira* (2015), the text explores how the integration of nature, culture, and education fosters dialogical learning, valuing local identities and developing participants' critical consciousness. A qualitative field research was conducted, involving a bibliographic survey of Paulo Freire's works and other theorists who underpin this study, as well as interviews with visitors and museum staff. The systematization and analysis of the information are structured into thematic categories. The interviewed were education professionals who experienced the educational activities within the "Samaúma das Palavras" project, as well as museum educators responsible for mediating with visitors in the context of the Sacaca Museum's open-air exhibition. The article highlights the potential of non-school spaces as educational environments. The "Samaúma das Palavras" project is presented as an example of education that unites emotion and reason, inspired by Freire's feeling-thinking dialectic. The importance of pedagogical practices that transcend the classroom is emphasized, promoting critical reflections and significant learning anchored in cultural diversity and environmental sustainability. **Keywords:** Freirean Pedagogy. "Samaúma das Palavras" Project. Sacaca Museum.

INTRODUÇÃO

As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento (Freire, 2015, 14).

A obra de Paulo Freire (2015, p.11-12) intitulada: “À sombra desta mangueira” traz, já em seu prefácio, escrito por Ladislau Dowbor, reflexões que indicam as minúcias dos pensamentos Freireanos. A obra ‘tateia’, “no melhor dos sentidos”, a construção de “pontes e caminhos [...] de uma educação formadora e transformadora, [...] a busca de alternativas políticas, de compromissos [...] voltando à mangueira como âncora da identidade que se reencontra e se recria”.

A obra em destaque é uma das expressões do pensamento freireano, carregando reflexões sobre educação, identidade e transformação social. No prefácio, destacam-se as nuances da construção de "pontes e caminhos", em uma metáfora que remete à necessidade de uma educação crítica e emancipadora, capaz de formar sujeitos conscientes e atuantes na sociedade.

Este artigo tem como objetivo analisar os pressupostos da pedagogia de Paulo Freire em diálogo com as experiências do projeto "Samaúma das Palavras", desenvolvido por um museu situado na Amazônia amapaense, na capital Macapá. Esse espaço cultural apresenta, em seu circuito expográfico, uma representação da vida e do ambiente natural dos povos amazônicos, como indígenas, ribeirinhos, castanheiros e parteiras. Trata-se de um local propício para aprender, ensinar e vivenciar experiências sob a sombra de diversas árvores.

A natureza desempenha um papel fundamental nesse contexto, atuando tanto como elemento central nas narrativas da infância de Freire quanto como componente essencial da exposição a céu aberto do Museu Sacaca. Essa relação com o meio ambiente é um atrativo significativo para um processo educativo libertador, que valoriza a conexão com o território, as vivências culturais e a troca de saberes.

O projeto "Samaúma das Palavras" exemplifica a aplicação prática dos princípios freireanos, ao criar um espaço de aprendizado que promove o diálogo, a reflexão crítica e a construção coletiva do conhecimento. Assim, o museu se torna um ambiente educativo que integra natureza, cultura e pedagogia, reforçando a importância da valorização das identidades locais e do desenvolvimento de uma consciência crítica em seus visitantes.

Ao acessar as narrativas do livro *À Sombra da Mangueira*, de Paulo Freire, duas das autoras recordaram algumas discussões realizadas no Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia (GHEDA), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará. Esse grupo desenvolve pesquisas direcionadas a duas linhas principais: a História das Instituições Educativas e a História dos Processos Educativos não Escolares na Amazônia, da qual foram discentes.

O GHEDA tem como objetivo investigar a história das instituições educativas, dos intelectuais e dos impressos, bem como analisar, de forma histórica, os processos e práticas educativas vivenciados em espaços não escolares na região amazônica. As discussões promovidas no grupo de pesquisa, associadas aos encontros realizados na disciplina de Epistemologia II do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da UEPA, constituíram fontes de inspiração e motivação para a escrita deste artigo.

Nesse contexto, as vivências relatadas por Paulo Freire (2015), em *À Sombra desta Mangueira*, e o nosso interesse, como pesquisadoras, em explorar os espaços não escolares no cenário amazônico impulsionaram este diálogo entre a referida obra e a ação educativa *Samaúma das Palavras*, desenvolvida por um museu cultural e científico. Essa interlocução busca destacar a relevância dos processos educativos em espaços não escolares, evidenciando suas contribuições para uma pedagogia crítica e libertadora.

Este artigo foi desenvolvido com base em uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, com as seguintes estratégias metodológicas: levantamento bibliográfico fundamentado nas obras e cartas de Paulo Freire (2015) e de outros teóricos que fundamentam o estudo; a realização de entrevistas com dois técnicos do Museu Sacaca e relatos de três visitantes, que participaram de atividades promovidas pelo museu, em 2024. As narrativas obtidas por meio das entrevistas foram autorizadas por seus autores para publicação neste trabalho. A sistematização e análise das informações estão estruturadas em categorizações temáticas. Os interlocutores deste artigo são profissionais liberais e da educação básica, que vivenciaram atividades desenvolvidas no espaço da *Samaúma das Palavras* e educadores museais que atuam como mediadores no Museu Sacaca.

Assim, as reflexões apresentadas neste artigo, foram realizadas por meio de entrevistas com visitantes e participantes do projeto educativo *Samaúma das Palavras*, cujas conversas trouxeram relatos valiosos que evidenciam a relevância do projeto no compartilhamento de saberes tradicionais, no fortalecimento da educação ambiental e na promoção da cultura amazônica.

O artigo está estruturado em cinco seções interligadas. A primeira, a introdução que apresenta as motivações e metodologia deste artigo; a segunda, explora os pressupostos de uma educação dialógica do sentir-pensar, fundamentada nas narrativas de Paulo Freire e em suas experiências marcantes vividas no quintal de sua casa, espaço de reflexão e aprendizado. A terceira, intitulada O Museu Sacaca e a Educação do Bem Viver, destaca elementos dessa filosofia aplicados à educação e à relação com a natureza, no contexto da exposição a céu aberto do Museu Sacaca. A quarta, As Sombras da Samaúma: uma experiência pedagógica freireana do Museu Sacaca, apresenta um diálogo entre a pedagogia freireana e as práticas do museu, evidenciando a integração entre cultura, natureza e educação. Por fim, as conclusões do estudo.

PRESSUPOSTOS DE UMA EDUCAÇÃO DIALÓGICA DO SENTIR-PENSAR EM PAULO FREIRE

Ao nos apropriar de algumas leituras de Paulo Freire, deparamo-nos com as narrativas de suas cartas, nas quais ele relata momentos de sua infância em Recife. Nesse período, o quintal de sua casa era mais que um espaço físico: uma verdadeira escola da vida. Esse lugar natural aguçava a imaginação e os pensamentos do menino Freire, tornando-se, em suas memórias, o primeiro mundo do seu "não eu" geográfico.

Segundo o dicionário¹, a palavra quintal tem origem no latim vulgar *quintanale*. Trata-se de um espaço adjacente às casas, podendo ser natural ou criado, que possibilita vivências, interações e experiências.

Nas cartas do livro *À Sombra das Mangueiras*, Paulo Freire (2015) compartilha as percepções amadurecidas durante o período de exílio, resgatando em sua memória o universo geográfico de sua infância: a casa, a rua, o quintal e nação. Essas lembranças revelam como os espaços em que habitamos moldam não apenas nossas experiências e vivências, mas também nossos aprendizados e formas de estar no mundo. O autor nos convida a refletir sobre a relação entre o ato de educar, ensinar e aprender, destacando como essas práticas se entrelaçam com as emoções e percepções que emergem do meio e do lugar em que estamos inseridos. Ele demonstra que a educação vai além do conhecimento técnico, enraizando-se no senso de pertencimento e na conexão afetiva com o ambiente.

¹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Vebete "quintal". Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/quintal>. Acesso em: 16 jan. 2025.

Freire (2015, p.25) expressa essa relação com suas origens de forma profundamente poética e sensível:

O Brasil dificilmente existiria para mim, na forma como existe, sem o meu quintal, a que se juntaram ruas, bairros, cidades. A terra que a gente ama, de que a gente sente falta e a que se refere, tem sempre um quintal, uma rua, uma esquina, um cheiro de chão, um frio que corta, um calor que sufoca, um valor por que se luta, uma carência sentida, uma sobra que maltrata a carência, uma língua que se fala em diferentes entonações.

Nesse sentido, os quintais assumiram o papel de "escolas e arenas", espaços que despertavam a imaginação e promoviam experiências significativas. As árvores, com suas copas acolhedoras, formavam um cenário pedagógico que aguçava os sentidos e as percepções ao redor. Sob suas sombras, era possível contemplar a beleza das flores, o sabor dos frutos e os aromas que preenchiam o ar. Nesse ambiente paisagístico e acolhedor, o menino Paulo Freire guardou em suas memórias vivências únicas do ensinar e aprender, desenvolvendo uma visão mais humana sobre o mundo e as pessoas ao seu redor.

O contato com a natureza tornou-se parte essencial da memória afetiva de Freire. Mangueiras, jaqueiras, cajueiros e pitombeiras não eram apenas árvores; suas sombras tornaram-se testemunhas silenciosas de encontros, aprendizados, comunhões e sonhos. Sob elas, Freire (2015, p.14) viveu momentos de reflexão e de conexão emocional, uma educação dialética do sentir-pensar: "eu usava a amenidade das sombras para estudar, para brincar, para conversar com meu irmão Temístocles sobre nós mesmos, sobre nosso amanhã, sobre a saudade de nosso pai falecido; para curtir, mergulhado em mim mesmo, a falta da namorada que partira".

Nesse sentido, brincar, conversar, experimentar e estudar são elementos fundamentais nos processos formativos e educativos, refletindo a construção contínua de um sujeito inacabado e em constante desenvolvimento. Da mesma forma, os atos de perguntar e responder constituem caminhos essenciais para a curiosidade e o aprendizado.

Paulo Freire (2015) destaca que, nos contextos educativos, é indispensável refletir sobre os tipos de educação que estão sendo propostos. Trata-se de uma educação baseada em perguntas? Em respostas? É uma educação dialógica? Freire nos orienta a priorizar uma educação que valorize as perguntas em detrimento de respostas definitivas. As perguntas, segundo ele, têm o poder de questionar, problematizar, estimular a liberdade e fomentar a formação do pensamento crítico. É por meio delas que a curiosidade é despertada. No entanto, ele ressalta: "é preciso deixar claro que o erro da educação da resposta não está na resposta, mas na ruptura entre ela e a pergunta" (Freire, 2015, p. 17).

Outro pressuposto freireano refere-se à historicidade. O autor ressalta que somos seres históricos, inacabados e incompletos, em constante processo de transformação. Cada indivíduo possui um tempo e uma história que não podem ser negados ou silenciados. Freire (2015, p.17) afirma: “O saber de hoje não é necessariamente o de ontem nem tampouco o de amanhã”. “O saber tem historicidade”.

No livro *À Sombra das Mangueiras*, Paulo Freire (2015, p.26) ressalta, em suas narrativas, as belezas naturais de sua terra natal. Ele descreve: “Minha terra é boniteza de águas que se precipitam, de rios, de praias, de vales, de florestas, de bichos, de aves”. Essa visão reflete sua profunda conexão com a natureza, evidenciando como o ato de contemplar e problematizar integra o processo educativo. Ele também expressa, ao longo do livro, seu amor pela pátria e sua preocupação com as fragilidades e desafios enfrentados pelo Brasil, sejam eles educacionais, sociais, políticos, econômicos ou culturais. Longe de ser motivo de resignação, tais dificuldades o impulsionavam a lutar pelos oprimidos e marginalizados. Ele percebia sua nação como um espaço histórico, repleto de contradições e rupturas, mas dotado de uma beleza singular. Em suas palavras:

Minha terra é boniteza de águas que se precipitam, de rios, de praias, de vales, de florestas, de bichos, de aves. Quando penso nela, penso no quanto ainda temos de caminhar, lutando, para ultrapassar estruturas perversas de espoliação. Por isso, quando longe dela estive, dela a minha saudade jamais se reduziu a um choro triste, a uma lamentação desesperada. Pensava nela e nela penso como um espaço histórico, contraditório, que me exige, como a qualquer outro ou outra, decisão, tomada de posição, ruptura, opção (Freire, 2015, p. 26).

As mangueiras para Freire tornaram-se um lugar acolhedor, privilegiado de aprendizados e de memórias, como descreve Ana Maria Freire:

As sombras das mangueiras tinham para ele, verdadeiramente, o poder de acolhê-lo e de possibilitar-lhe o pensar mais autêntico. As sombras das mangueiras foram para Paulo mais do que um lugar especial. São elas a metáfora que representa um espaço que lhe permitia refletir radicalmente, desvelar problemas e criar novas ideias. Lugar onde a sua capacidade criativa se exacerbava na dialética do sentir-pensar. (Freire, 2015, p. 83-84)².

As narrativas apresentadas até este momento sobre as memórias de infância de Paulo Freire não têm como objetivo discutir essa etapa de seu desenvolvimento, alfabetização ou formação. Em vez disso, buscamos refletir sobre o que esta obra chama de “dialética do sentir-pensar” e sobre o aprendizado que pode emergir de outros espaços, por meio de metodologias

² Relatos de Ana Maria Araújo Freire descritas no livro *À Sombra das Mangueiras*, 2015.

em espaços não escolares. Foi no quintal de sua casa que Freire aprendeu a ler junto com seus pais.

Nesse sentido, apresentamos, como proposta para dialogar com a educação do sentir-pensar, a experiência educativa de um museu amazônico, onde os elementos da natureza e da diversidade cultural estão integrados em suas metodologias. Essa abordagem promove uma aprendizagem que conecta os conhecimentos à natureza, proporcionando uma imersão sensorial que estimula a contemplação e a conscientização crítica. Essa vivência favorece uma educação que une o sentir e o pensar, incentivando reflexões e uma relação mais harmônica com o mundo ao redor.

As narrativas de Paulo Freire sobre o quintal de sua casa e o contexto natural desse ambiente pedagógico remetem aos estudos da pesquisadora e professora Maria Betânia Albuquerque, que é reconhecida por sua atuação na educação e na pesquisa no contexto amazônico. Ela também nos inspira a pensar sobre novas formas de ensinar e aprender. Em suas obras, destaca a importância de integrar saberes culturais e práticas não escolares aos processos educativos e enfatiza a necessidade de uma "noção alargada de educação, que considera ser possível aprender tanto com os seres humanos quanto com a própria natureza" (Albuquerque, 2021, p. 68).

As pesquisas da autora dialogam com as interseções entre educação, cultura e natureza, evidenciando como o aprendizado pode transcender o ambiente formal da escola e conectar-se com as vivências e experiências do meio ambiente e os saberes das comunidades locais. Assim como Freire, Albuquerque defende uma educação que estimule a curiosidade e o pensamento crítico, promovendo uma relação mais profunda e significativa com o mundo ao nosso redor.

Desta maneira, a pedagogia freireana (2015) e as pesquisas de Albuquerque (2021) transcendem os limites da sala de aula e os elementos materiais que a compõem. Essa abordagem valoriza as experiências do cotidiano da vida, os sujeitos em suas relações com os outros e com o meio em que habitam. Trata-se de uma educação fundamentada em pressupostos dialógicos, que promovem a interação entre educador e educando, sujeito e natureza, eu e o coletivo. Nessa perspectiva, o sentir e o pensar não são dicotômicos, mas caminham juntos, buscando a completude dos sujeitos em sua essência.

Os sentidos, as emoções, as percepções, os pensamentos e a criatividade integram a "educação dialética do sentir-pensar" (Freire, 2015, p. 83-84). Esse pressuposto, destacado nas narrativas do livro de Paulo Freire, demonstra a importância de uma educação pautada na vivência, que não dicotomize razão e emoção, sujeito e natureza. Nesse contexto, o ensino deve

estar diretamente relacionado à realidade dos alunos, utilizando suas experiências de vida como base para a aprendizagem. Essa prática educativa deve promover uma relação horizontal, em que educador e educando possam aprender e ensinar mutuamente, seja em contextos formais ou não formais.

Paulo Freire (1987) critica o modelo tradicional de educação, que ele denomina "educação bancária", caracterizado pela mera transmissão de conteúdos, como se fossem "depositados" nos alunos. Considera que educar vai muito além de um programa de conteúdo. É um processo sensível e integral, que reconhece o aluno como um ser que sente, pensa e age. Ele ressalta que os sentimentos e pensamentos devem ser expressos e compartilhados, enriquecendo a experiência educativa. Ademais, a educação deve despertar nos alunos a capacidade de refletir criticamente sobre as diversas realidades, cumprindo seu papel essencialmente humanizador.

Sob essa perspectiva, instituições formais, informais ou não formais, como os espaços museais, têm o potencial de motivar e envolver sujeitos, proporcionando uma educação que valorize a pedagogia do sentir-pensar. Por meio de ações dialógicas, participativas e humanizadoras, esses espaços podem promover aprendizagens significativas e envolventes, conectadas às vivências e experiências dos participantes.

Paulo Freire nos incentiva a buscar uma educação fundamentada na dialogicidade, reconhecendo o outro como um ser em constante construção. Dessa forma, como educadores, devemos incitar novas formas de ensinar que considerem as vivências do grupo e dos educandos, explorando outros espaços de aprendizado que tornem as aulas e conversas mais significativas e prazerosas. Museus a céu aberto, como o Museu Sacaca, são importantes ferramentas pedagógicas que podem ser acessadas e integradas ao contexto de uma educação freireana. Nesses espaços, a natureza e seus elementos tornam-se recursos valiosos para a construção de uma educação dialética do sentir-pensar, incentivando reflexões críticas e experiências transformadoras.

MUSEU SACACA E A EDUCAÇÃO DO BEM VIVER

O Museu Sacaca, em Macapá, constitui-se como um espaço científico e cultural que opera na intersecção entre natureza, memória e educação. Sua prática pedagógica, que valoriza o contato sensorial com o ambiente e a troca dialógica de saberes, encontra ressonância na pedagogia freireana do "sentir-pensar". Essa abordagem, conforme definida por Moraes e De

la Torre (2018), propõe uma fusão das dimensões cognitivas, emocionais, intuitivas e corporais no ato de aprender, promovendo um reencantamento da educação que conecta o indivíduo a si mesmo, ao outro e ao mundo.

A singularidade do Museu Sacaca, no entanto, reside não apenas em sua metodologia, mas no cerne de sua proposta museológica: a representação e a participação ativa dos diversos grupos humanos que formam o tecido sociocultural da Amazônia amapaense. É aqui que se faz necessária uma cuidadosa distinção conceitual, para que a riqueza dessa diversidade não seja obscurecida por generalizações. Como bem aponta o artigo de Ravena-Cañete (2023), os termos "populações tradicionais", "povos indígenas" e "quilombolas" carregam histórias, marcos legais e processos identitários distintos, ainda que possam dialogar e partilhar lutas comuns.

O Museu Sacaca surge como um projeto pautado na participação ativa das comunidades tradicionais do Amapá. A sua construção envolveu representantes dessas populações, tornando-se um diferencial significativo. Para Augusto Oliveira (2013, p. 99), a Exposição a Céu Aberto do museu simboliza a “diversidade num espaço que tem o céu como teto e os elementos naturais e culturais como cenários privilegiados”. Além disso, os museus, como aponta Velthem (2012, p. 58), podem se transformar em “lugares onde novos significados podem ser atribuídos aos movimentos de preservação cultural e de afirmação de identidades”.

Para compreender o Museu Sacaca, é fundamental entender quem são seus protagonistas. A exposição a céu aberto não representa uma "população tradicional" genérica, mas dá visibilidade a grupos específicos com direitos e histórias próprias. Os Povos Indígenas (Povos Originários), são os primeiros habitantes do território, anteriores à formação do Estado nacional. Sua identidade está ligada a uma coletividade étnica específica (como os Wajãpi, Palikur e Aparai Wayana, representados no museu), com línguas, cosmologias e organização social próprias. Seus direitos territoriais são originários, garantidos pela Constituição Federal de 1988. A filosofia do Bem Viver, frequentemente associada a estes povos, emerge de suas cosmovisões, entendendo a humanidade como parte integrante de um cosmos vivo, onde educação, comunidade e natureza são indissociáveis (Acosta, 2011; Fleuri, 2020).

Já as Comunidades Tradicionais (ou Povos e Comunidades Tradicionais - PCTs), definido pelo Decreto Federal 6.040/2007 refere-se a grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tal, possuem formas próprias de organização social e ocupam e usam territórios e recursos naturais de forma sustentável, transmitindo seus conhecimentos de forma geracional (Ravena-Cañete, 2023). No contexto amazônico, quilombolas, ribeirinhos, castanheiros, extrativistas e pescadores artesanais se enquadram nesta categoria. Sua identidade

está profundamente ligada a um modo de vida e um ofício desenvolvido em interação histórica com o ambiente. Os quilombolas, por exemplo, têm sua identidade ancorada na resistência histórica e no direito ao território de seus antepassados, garantido pelo Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

O Museu Sacaca, portanto, não apresenta um "modo de vida dos povos da floresta" como um bloco homogêneo. Ele explicita, através das réplicas de casas e da narrativa expositiva, a diversidade interna da Amazônia: as casas indígenas (Jura, Palikur, Porohtoh/Tukusipan) representam culturas e povos originários distintos; já a Casa do Ribeirinho, o Barco Regatão e os ambientes associados à extração da castanha ou do açaí remetem ao universo das comunidades tradicionais não-indígenas. Esta precisão é crucial para evitar o apagamento das especificidades de cada grupo sob um rótulo genérico.

A gênese do Museu Sacaca é, em si, um testemunho desse diálogo intercultural e de educação comunitária. Sua construção, como destaca Oliveira (2013), envolveu a participação ativa de representantes dessas diversas populações – indígenas e tradicionais – ao lado de técnicos governamentais e pesquisadores do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA). Este processo colaborativo fez do museu mais do que um local sobre essas culturas; tornou-o um espaço das e com essas culturas.

Um dos destaques do museu é a integração da flora nativa da região amazônica, com o plantio de espécies como Pau Mulato, Mungubeira, Samaumeira, Seringueira, Castanheira, Ipê Amarelo, Açaizeiro, Ingazeiro, Bacabeira, Pupunheira, Cuieira, Marupazeiro, Taperebazeiro, entre outras. Essas árvores não apenas representam a rica biodiversidade da Amazônia, mas também transformam o museu em um ambiente pedagógico e sensorial que conecta os visitantes ao ecossistema local.

No espaço destinado à Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, já existia um pequeno córrego, que foi ampliado e tratado para representar os igarapés e rios da Amazônia. Transformado em um igarapé, o local passou a abrigar peixes e quelônios, tornando-se um dos pontos mais visitados por famílias e crianças. A reprodução natural de espécies, como peixes e tracajás, doados pela população local, fortaleceu a conexão entre o museu e a comunidade. Entre os peixes presentes nesse espaço estão pirarucu, tilápia, tambaqui, entre outros. Para compor o cenário, foi construído o barco Regatão, no qual os visitantes podem realizar uma pequena viagem e explorar uma exposição interna. Essa exposição narra, por meio de objetos, a história dessa embarcação e sua importância para as populações ribeirinhas da Amazônia.

Essa ambientação total permite uma educação que é, nas palavras de Velthem (2012), uma atribuição de novos significados à preservação cultural e à afirmação identitária.

Conforme o cenário expográfico da paisagem amazônica foi sendo configurado, povos indígenas e outras comunidades começaram a construir réplicas de suas casas, compondo a área da exposição permanente do Museu Sacaca. Essa participação ativa das comunidades tradicionais não apenas enriqueceu o espaço, mas também proporcionou a valorização e o respeito às suas culturas e formas de viver.

A Exposição a Céu Aberto foi inaugurada em 5 de abril de 2002, ocupando uma área de 20 mil metros quadrados. A sua concepção museológica desafia as narrativas hegemônicas, oferecendo uma perspectiva. Trata-se de uma proposta que estabelece uma educação dialógica e comunitária, respeitando as cosmologias, os modos de ser e de viver na Amazônia, refletindo os pressupostos da educação freireana e a filosofia do bem viver. A filosofia do Bem Viver, assim, não é apresentada como um atributo exclusivo dos povos indígenas, mas como um princípio ético e um horizonte possível que emerge do diálogo com essas diferentes formas de habitar a Amazônia. É uma educação que, inspirada nessas cosmovisões, ensina a "conviver com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos 'parte' dela" (Acosta; Turino, 2011, p. 14-15). O museu opera, então, na promoção de uma educação comunitária e dialógica, onde os saberes ancestrais sobre plantas, rios e ciclos naturais (sejam de origem indígena ou de outras comunidades tradicionais) são valorizados como ciências e filosofias válidas e necessárias para um futuro sustentável.

Por meio de sua abordagem inclusiva e interativa, o Museu Sacaca exemplifica como a integração entre natureza, cultura e participação comunitária pode transformar a educação em um processo significativo e transformador. Esse espaço educativo reforça a importância de respeitar os saberes tradicionais e valorizar a diversidade cultural, criando oportunidades para aprendizagens que conectem o sentir-pensar. Assim, o Museu Sacaca não apenas enriquece o patrimônio cultural e ambiental da Amazônia, mas também inspira uma prática educativa que reconhece a complexidade e a riqueza das relações humanas com o mundo ao seu redor.

Ao abordar a relação entre natureza, cultura e educação, é essencial trazer à tona o diálogo com os povos originários, guardiões de uma sabedoria ancestral que valoriza a harmonia com a Mãe Terra. Por meio da filosofia do Bem Viver, esses povos nos ensinam a cultivar o respeito pelo meio ambiente, promovendo uma convivência sustentável e um equilíbrio harmonioso com a natureza.

A educação para esses povos é pensada e vivida no coletivo e em contínuo respeito às leis dos cosmos. Assim, o Bem Viver é uma “filosofia em construção e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas”. (Acosta, 2011, p.14). Seu “significado é viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos ‘parte’ dela e que não podemos continuar vivendo ‘à parte’ dos demais seres do planeta” (Acosta; Turino, 2011, p. 14-15).

O Bem Viver também se expressa na articulação política da vida, no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, assembleias circulares, espaços comuns de sociabilização, parques, jardins e hortas urbanas, cooperativas de produção e consumo consciente, comércio justo, trabalho colaborativo e nas mais diversas formas do viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo. (Acosta; Turino, 2011, p. 15-16).

A cosmovisão do Bem Viver entende que tudo que faz parte da comunidade são formados por seres humanos e não humanos, e todos esses seres constituem os cosmos. Assim, “os processos de aprendizagem não acontecem de modo isolado dos contextos humanos, ecológicos e espirituais, pois na natureza tudo está conectado, a vida de um é complementar à vida de outros” (Fleuri, 2020, p. 252).

A filosofia dos povos originários nos ensina que, ao refletir sobre processos educativos, não devemos separar o humano do não humano, pois somos parte integrante da natureza. A natureza, com todos os seus elementos, não é apenas um cenário, mas um componente essencial e indissociável do processo educativo.

Nesse sentido, a exposição a céu aberto do Museu Sacaca, que tem entre seus objetivos apresentar o modo de ser e de viver das populações indígenas, é um exemplo significativo dessa valorização. Nela, é possível aprender sobre a diversidade cultural desses povos, assim como reconhecer os elementos da biodiversidade amazônica por meio de sua cultura material. A exposição propõe compartilhar com o público escolar e os visitantes em geral experiências que aproximam as pessoas da natureza, demonstrando de que maneira podemos adotar práticas de convivência harmoniosa com o meio em que vivemos, inspiradas nos ensinamentos dos povos originários e na filosofia do Bem Viver.

É importante ressaltar, seguindo a advertência de Adams (2000) e do próprio debate antropológico (Ravena-Cañete, 2023), que a valorização desses modos de vida não deve cair na armadilha do “bom selvagem” ou de uma visão estática e idealizada das culturas. O Museu Sacaca, ao dar voz e espaço a esses grupos, também evidencia suas lutas contemporâneas por direitos territoriais, reconhecimento e auto-determinação. A exposição, portanto, é também um

ato político, que mostra como a preservação ambiental está intrinsecamente ligada à garantia dos direitos desses povos e comunidades a seus territórios tradicionais. Esse diálogo nos convida a repensar nossas práticas e a valorizar os saberes ancestrais como um caminho para construir uma relação mais equilibrada com o planeta. Ao trazer a perspectiva desses povos para o debate, compreendemos que suas práticas e filosofias são essenciais para enfrentar os desafios ambientais contemporâneos, oferecendo soluções sustentáveis e um convite à reflexão sobre nossa relação com o meio ambiente.

Desta maneira, a exposição do Museu Sacaca destaca aspectos significativos da cultura dos povos indígenas do estado do Amapá, proporcionando um mergulho na diversidade cultural da região. Um dos principais destaques são as réplicas das casas indígenas, elementos essenciais da cultura material desses povos. Entre elas estão a Casa Jura dos Wajãpi, a Casa Tradicional do povo Palikur e a Casa Comunitária dos Aparai Wayana, denominada “Porohtoh”, Porohtop”, na língua Aparai e “Tukusipan” na língua Wayana. Além das casas, a exposição apresenta bancos indígenas com formas zoomorfas, máscaras, mandalas, cestarias, artesanatos, adornos e outros itens representativos de cada cultura. Cada casa reflete particularidades em tamanho, arquitetura e técnicas construtivas, expressando de maneira singular a identidade, as memórias e a riqueza cultural de suas comunidades, conforme as imagens³ a seguir:

Figura 1 – Casa Palikur



Figura 2 – Casa Wayana e Aparai



Figura 3- Casa Wajãpi



Figuras: José Baia, SECOM/Portal do GEA, 2019

O espaço expositivo é enriquecido por um ambiente natural que inclui árvores de várias espécies amazônicas, um córrego representando os rios e elementos que remetem à fauna da região. Esse cenário convida os visitantes a refletirem sobre a importância do cuidado com a natureza, destacando a relação harmoniosa que os povos originários mantêm com o meio ambiente. No contexto dessa exposição, torna-se evidente que esses povos possuem uma forma

³As fotos das casas indígenas construídas em 2019 na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca estão disponíveis no portal oficial do Governo do Estado do Amapá. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/>. Acesso em: 10 de nov. 2024.

única de aprender e ensinar, sustentada por uma filosofia de vida em comunidade e pela convivência equilibrada com a natureza.

Dessa forma, o Museu Sacaca busca sensibilizar visitantes de todas as idades, origens e culturas, utilizando a cultura material e imaterial como ferramentas para promover a contemplação da biodiversidade e das tradições dos povos amazônicos. Esse objetivo é alcançado tanto por meio de seu circuito expográfico, que recria o modo de vida na floresta e seus costumes, quanto por atividades pedagógicas, como literatura, poesia, contação de histórias e outras ações educativas desenvolvidas pelos mediadores no espaço da exposição a céu aberto.

Ao longo de seus anos, a exposição a céu aberto do Museu Sacaca tem se dedicado a promover, por meio de ações de pesquisa, preservação e comunicação, estratégias educativas e culturais que aproximam a população local, nacional e internacional da diversidade sociocultural da Amazônia amapaense, representada pelos povos indígenas e pelas comunidades tradicionais. Nesse espaço, esses diferentes grupos participam ativamente das iniciativas museológicas, compartilhando seus saberes específicos sobre modos de vida, práticas de manejo ambiental e visões de mundo.

Nesse sentido, aprender com as filosofias de vida de povos indígenas e comunidades tradicionais nos ajuda a compreender que o Bem Viver – conceito que, embora tenha forte raiz nas cosmovisões dos povos originários, dialoga com os saberes de diversas comunidades tradicionais – se apresenta como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento ocidental, responsável por gerar desigualdades sociais e crises ambientais. O Bem Viver propõe uma abordagem fundamentada no respeito mútuo, na sustentabilidade e na convivência harmoniosa entre os povos e com a natureza.

Nesse contexto, segundo Reinaldo Fleuri (2020), educar no âmbito do Bem Viver está diretamente relacionado à educação fundamentada em princípios comunitários. Em seus pressupostos, o ato de educar está intrinsecamente ligado ao respeito às leis que regem o cosmos. Para os povos cujas culturas são fundamentadas nesta filosofia, os processos educativos não ocorrem de forma isolada. Este autor destaca que essa filosofia entende a educação como um processo circular, cíclico e de caráter permanente, construído ao longo de toda a vida. Uma educação inspirada por esses princípios busca preservar o equilíbrio e a harmonia com o mundo e a natureza, reconhecendo a interdependência entre os seres e promovendo um aprendizado contínuo em conexão com o meio ambiente e a coletividade.

Nessa perspectiva, o Museu Sacaca e sua exposição a céu aberto desempenham um papel crucial ao promover o diálogo intercultural e a educação socioambiental. Por meio da valorização da biodiversidade amazônica e dos modos de vida e saberes tanto dos povos indígenas quanto das comunidades tradicionais, esses espaços sensibilizam visitantes de todas as idades para a importância da convivência harmoniosa com a natureza e para o respeito à diversidade cultural.

Ao fortalecer o reconhecimento da pluralidade cultural da região – englobando povos originários e comunidades tradicionais em suas especificidades –, o museu também incentiva a adoção de práticas sustentáveis, alinhando-se aos princípios éticos da filosofia do Bem Viver. Assim, ao resgatar e valorizar os saberes ancestrais em sua diversidade e contexto próprios, o Museu Sacaca oferece não apenas um espaço de aprendizado, mas também uma oportunidade para refletir criticamente sobre as crises ambientais e sociais, destacando a importância de um futuro mais equilibrado e sustentável.

AS SOMBRAS DA SAMAÚMA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA FREIREANA DO MUSEU SACACA

Os seres humanos, desde os seus primórdios, têm uma profunda conexão com a natureza. Em muitas culturas, as árvores tornaram-se guardiãs de memórias ancestrais, como é o caso do Baobá. Esta árvore é muito mais do que uma simples planta; podemos dizer que o Baobá é um “guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade” [...] ela é um repositório da experiência ancestral, cujos ensinamentos são permanentemente rerepresentados às novas gerações (Waldman, 2012, p. 225).

Assim como o Baobá possui grande representatividade para os povos da África, a Samaúma carrega mistérios e significados para os povos amazônicos. Conhecida cientificamente como *Ceiba pentandra*, essa majestosa árvore pode atingir cerca de 60 metros de altura, com troncos de até 2 metros de diâmetro e raízes chamadas de sapopemas, que chegam a medir aproximadamente 120 centímetros de diâmetro e têm a capacidade de armazenar água. A sua relevância abrange aspectos culturais, espirituais e medicinais, sendo frequentemente chamada de "Rainha da Floresta", "Mãe das Árvores" ou "Árvore da Vida" (Aguiar; Gonçalves; Melo, 2023).

Na visão da cultura indígena, a Samaúma, com sua imponente altura, “enxerga toda a floresta de cima, assumindo um papel de espírito materno protetor”. Além disso, “acredita-se

que seus troncos abrigam portais místicos, capazes de conduzir uma pessoa ao universo dos deuses indígenas” (Aguiar; Gonçalves; Melo, 2023, p. 02). Essa simbologia reforça a importância dessa árvore na cosmovisão e nos saberes ancestrais dos povos da Amazônia.

Associado a esses conhecimentos, o projeto educativo Samaúma das Palavras é uma iniciativa do Museu Sacaca que busca compartilhar com os visitantes os saberes plurais que constituem o patrimônio cultural da Amazônia – tanto os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas quanto os das comunidades ribeirinhas, extrativistas e quilombolas –, revelando assim a riqueza da diversidade socioambiental da região. Por meio de estratégias pedagógicas, o projeto promove atividades que abordam o cuidado e o respeito ao meio ambiente, incentivam a leitura e ampliam o acesso às literaturas amazônicas. Além disso, explora aspectos únicos do universo museológico, fortalecendo a conexão entre cultura, educação e sustentabilidade, e contribuindo para a formação de uma consciência ambiental e cultural integrada.

Para o técnico do Museu Sacaca Sandro Figueiredo (turismólogo e educador museal, 2024), acompanhar os grupos em visitas mediadas revela que é “quase unânime a reação dos visitantes ao verem a Samaumeira, especialmente em relação ao seu tamanho, às histórias e à sua importância para os povos tradicionais”.

Esse educador museal destaca que, ao final da visita, “sempre conduz os grupos ao espaço do projeto Samaúma das Palavras, onde os visitantes têm a oportunidade de se descontraírem enquanto aprendem, seja por meio de jogos educativos, brincadeiras de roda ou contação de histórias”. Ele enfatiza que “o Museu Sacaca desempenha um papel fundamental na promoção da educação, da cultura e do respeito à diversidade”. Segundo o educador, “todas as escolas, universidades e até cursos de idiomas deveriam incluir o Museu Sacaca em suas atividades pedagógicas, pois o espaço oferece um aprendizado rico”. Além disso, ele acrescenta que seu trabalho no Museu “o ajudou a aperfeiçoar o idioma - francês- pela quantidade de turistas da Guiana e da França que visitam constantemente o local”. A aproximação do estado do Amapá com a Guiana Francesa impulsiona essa dinâmica no espaço museal. O educador ainda destaca que o Museu Sacaca pode ser acessado e utilizado para diversos fins, desde atividades pedagógicas até o fortalecimento de laços culturais e a promoção do conhecimento sobre os povos e tradições da Amazônia.

Nesse sentido, os relatos do técnico do Museu Sacaca evidenciam como esse lugar pode e atua como um espaço educativo, complementando o ensino oferecido pelas instituições formais. O Museu Sacaca, ao integrar aprendizado, cultura e vivências, enriquece o processo educativo e promove uma conexão mais ampla com o patrimônio cultural e ambiental da região.

Ao perguntar a uma visitante qual a importância do projeto educativo Samaúma das Palavras no Museu Sacaca, ela descreve sua experiência:

Tive meu primeiro contato com o espaço Samaúma em 2014, durante uma visita ao Museu Sacaca com minha filha, que na época tinha 5 anos. Após percorrermos as trilhas e ambientações da Exposição a Céu Aberto, foi muito agradável encontrar um local onde pudemos sentar e relaxar à sombra das árvores, além de escolher uma boa leitura entre diversas opções, como lendas, histórias em quadrinhos, materiais sobre educação ambiental, entre outros. Foi uma experiência maravilhosa, que nos motivou a retornar ao museu várias vezes para prestigiar as novas atividades educativas e culturais, que agregaram ainda mais valor ao espaço (Ana Kelen Sousa, professora, 2024).

A professora da rede pública ainda menciona que por meio dessa ação pedagógica:

Aprendemos a valorizar os conhecimentos e o modo de vida dos povos da floresta, com suas lendas, danças, linguagens, expressões, entre outros. Além disso, tivemos a oportunidade de vivenciar a fruição artística ao participar das práticas educativas e culturais, nos encantando com o mundo da imaginação e das memórias por meio da leitura, da contação de histórias, das músicas e das brincadeiras (Ana Kelen Sousa, professora, 2024).

Conforme dados coletados, o projeto Samaúma das Palavras teve, inicialmente, a participação ativa da sociedade amapaense na aquisição de livros e gibis. Os visitantes eram incentivados a doar literaturas e também podiam emprestar os materiais para leitura, tanto no ambiente museológico quanto fora dele (Figuras nº 04 e 05)⁴. Essa dinâmica promoveu a circulação dos livros, o estímulo ao hábito da leitura e uma maior aproximação dos visitantes com o espaço do museu.

Em 2019, o espaço passou por uma revitalização, ganhando uma ambientação mais acolhedora para a realização das atividades educativas, conforme a imagem (Figura nº 06).

Figuras 04 e 05– Antigo Espaço Samaúma



Figuras: Fabiana Figueiredo/ G1 Amapá, 2014



Figura 06: Novo Espaço Samaúma



Figura: Albenir Sousa, Portal do GEA, 2021

⁴ As fotos estão publicadas no site oficial portal do governo do estado do Amapá. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/>. Acesso em: 10 de nov. 2024.

Para a construção desse ambiente pedagógico, segundo a professora Silvânia Souza, técnica do Museu Sacaca, em entrevista declarada no dia 03 de setembro de 2021, ao jornal Diário do Amapá, informa que foram utilizadas na edificação desse ambiente, matérias-primas da região amazônica, como: "palhas de Buçu para a cobertura, assoalhos de madeira de lei reaproveitada e paredes de tabocas" e que "tudo foi pensado para criar um ambiente tradicional que se comunique com os demais espaços do Museu Sacaca" (Silvânia Souza, 2021).

Assim, é possível perceber, a partir das imagens (Figuras nº 07 a 12), momentos significativos de ações educativas realizadas com os diversos públicos à sombra da Samaumeira no espaço Museal, o que nos remete às narrativas vivenciadas por Paulo Freire, em seu livro *À Sombra desta Mangueira* (2015).

Segundo o relato de alguns visitantes, ao se depararem com a exuberância da árvore Samaúma, na exposição a céu aberto, são tomados por uma sensação de encanto e aprendizado.

Sua sublime beleza nos ensina sobre o poder e a força da natureza, que devemos respeitar para viver em harmonia e garantir nossa sobrevivência. Suas grandes raízes transmitem uma sensação de segurança e nos acolhem como um abraço (Ana Kelen Sousa, professora, 2024).

A imagem (Figura 07)⁵ destaca uma das samaúmas presentes na exposição a céu aberto do Museu Sacaca, sendo descrita por uma participante, por meio da ação educativa, como uma experiência única de conexão com a natureza:

Para mim, o projeto Samaúma das Palavras expressa perfeitamente a união entre o conhecimento científico e o popular, agregando valor um ao outro. As palavras representam o conhecimento sistematizado, o registro das informações e sua comunicação, enquanto a árvore samaúma é cercada de misticismos, lendas, valor medicinal e é considerada a morada dos espíritos da floresta, sendo sagrada para os povos indígenas. É essencial termos um espaço que preserve e valorize essas referências" (Ana Kelen Sousa, professora, 2024).

⁵ As imagens/ Fotos fazem parte do acervo da exposição a céu aberto do Museu Sacaca.

Figura 07- Árvore Samaúma no Museu Sacaca



Figura: Acervo do Museu Sacaca, 2023

Para outra visitante, estar próximo a essa árvore no ambiente museal é como estar “no coração da Amazônia”. “Além de serem grandes e robustas, elas trazem consigo significados indígenas e culturais”. Segundo ela, esse espaço permite “compartilhar experiências, histórias e vivências” (Lia Cavalcante, cirurgiã-dentista, 2024).

Estar em contato com uma árvore como a Samaúma é descrito como “uma experiência maravilhosa, estar próximo da árvore símbolo da Amazônia nos faz perceber o quanto a natureza é extraordinária e o quanto Deus é perfeito”. Além disso, “no espaço, podemos aprender sobre cultura, literatura, artes, educação ambiental, português, matemática, jogos e músicas” (Paulo Anchieta, turismólogo, 2024).

O projeto Samaúma das Palavras, desenvolvido sob as sombras da “Rainha da Floresta”, no espaço do Museu Sacaca, busca proporcionar aos visitantes experiências sensoriais e educativas únicas. Por meio de brincadeiras, contação de histórias e acesso às literaturas disponíveis nesse ambiente museológico, o projeto promove uma educação fundamentada na totalidade, estimulando tanto os aspectos cognitivos (pensar) quanto os afetivos (sentir).

Figuras: 08, 09 e 10-Atividades individuais no Espaço Samaúma das Palavras



Figuras: Ana Tavares, 2014



Figura: Albenir Souza, 2021

Ao interagir com os elementos dispostos na exposição a céu aberto e participar das ações educativas, os visitantes têm a oportunidade de se conectar à natureza, aos conhecimentos e saberes que circulam nesse espaço, especialmente sobre memória, identidade e ancestralidade, como descreve uma das visitantes:

O espaço da Samaúma serve para reavivar nossas lembranças, dando valor para nossas tradições e heranças culturais. Podemos compartilhar a memória oral, valorizando o conhecimento transmitido de geração em geração. Isso nos remete a nossa ancestralidade e fortalece nossa identidade cultural. (Ana Kelen Sousa, professora, 2024).

Além das atividades individuais, o projeto Samaúma das Palavras promove ações coletivas, que são desenvolvidas em parceria com as instituições escolares e grupos comunitários, por meio de visitas guiadas. As imagens registram (Figuras 11 e 12)⁶ uma atividade de contação de história, envolvendo os alunos em dinâmicas que incentivam a criatividade, a curiosidade e o encantamento pela cultura e o imaginário amazônico.

Figura 11 e 12 - Atividades Coletivas no Espaço Samaúma das palavras



Figura: Acervo do Museu Sacaca, 2021



Figura: Albenir Souza, 2021

Nesse sentido, as experiências pedagógicas desenvolvidas pelo Museu Sacaca e as narrativas acessadas no livro *À Sombra desta Mangueira* demonstram que a educação fundamentada na dialética do sentir-pensar, conforme descrito por Paulo Freire (2015), é uma das chaves para desenvolver nos sujeitos a capacidade de perceber o mundo ao seu redor, sem se manterem alheios às problemáticas e desigualdades sociais. As práticas pedagógicas pautadas nessa perspectiva dialética permitem o desenvolvimento de uma consciência crítica e política nos alunos e visitantes. Esse processo ultrapassa a simples percepção, incentivando-os a sentir e reconhecer a necessidade de agir para transformar a realidade.

⁶ As imagens/fotos estão disponíveis no site oficial do Governo do Estado do Amapá. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/>. Acesso em: 10 de nov. 2024.

Para Freire (2015), o "pensar" está relacionado à capacidade de reflexão crítica, ao desenvolvimento da razão e à autonomia intelectual. No contexto da pedagogia freireana, pensar significa aprender a problematizar, questionar, analisar e compreender as diversas dimensões da realidade, sempre a partir de uma perspectiva libertadora e dialógica. Essa reflexão crítica não apenas impede que os alunos aceitem passivamente o conhecimento, mas os incentiva a questioná-lo, compreender suas origens e implicações, e utilizá-lo como instrumento de transformação social. Destaca que a educação não deve se limitar à simples transmissão de conteúdo ou ao desenvolvimento exclusivo de habilidades cognitivas. Ela deve integrar o sentir e o pensar, criando um processo de aprendizagem que seja tanto emocional quanto intelectual. Nesse modelo, o aluno é chamado a se conectar com o conteúdo de forma afetiva, ao mesmo tempo que desenvolve a capacidade crítica de analisá-lo e refletir sobre ele.

A educação freireana, portanto, representa um caminho para a transformação pessoal e social. O seu objetivo é formar sujeitos críticos, conscientes de si mesmos, do outro e do mundo, capazes de agir para transformar as estruturas de opressão que perpetuam as desigualdades na sociedade. Nesse contexto, o "sentir" e o "pensar" são dimensões interligadas e indispensáveis para uma educação verdadeiramente emancipatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *À Sombra desta Mangueira*, Paulo Freire revela a profundidade de suas reflexões sobre educação, narrando vivências que vão desde a infância em seu quintal até conceitos como educação como ato político, resistência e diálogo. Embora não explore diretamente o termo "educação dialética do sentir-pensar", suas narrativas evidenciam a importância de integrar emoção e racionalidade como dimensões complementares no processo pedagógico.

No mesmo sentido, o projeto *Samaúma das Palavras*, desenvolvido no Museu Sacaca, demonstra como ações educativas podem aproximar públicos diversos da riqueza cultural das populações amazônicas, promovendo o aprendizado dialógico e a conexão com o ambiente natural. Esse projeto traduz o conceito de uma educação que une afetividade e pensamento crítico, proporcionando aos visitantes experiências significativas e transformadoras.

Ao articular as ideias presentes em *À Sombra desta Mangueira* com as práticas educativas do projeto *Samaúma das Palavras*, este artigo evidenciou a convergência entre esses modos de pensar e fazer educação. Ambos mostram que ambientes naturais, como quintais ou exposições inspiradas na biodiversidade amazônica, são espaços potentes para aprendizagens

que transcendem a mera transmissão de conteúdos. Esses espaços reforçam a ideia de uma educação dialógica e emancipatória, capaz de formar sujeitos críticos, conscientes e conectados ao mundo que os cerca.

Encerramos este diálogo com algumas reflexões e questionamentos: qual tem sido “a sombra da árvore” sob a qual vivenciamos a educação na contemporaneidade? De que maneira as instituições, sejam escolares ou não escolares, têm promovido o sentir-pensar em suas práticas pedagógicas? Para Freire, era a sombra da mangueira; para alguns visitantes do Museu Sacaca, a sombra da Samaumeira. E para nós, pesquisadores e educadores, qual é a nossa “árvore” e sob qual “sombra” estamos ensinando e aprendendo?

Assim, concluímos que a integração entre o sentir-pensar, tão presente nas reflexões de Freire e nas práticas pedagógicas do Museu Sacaca, é um caminho poderoso para promover uma educação que transforma tanto o indivíduo quanto a sociedade.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto; TURINO, Sérgio C. **Bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante Editora, 2011.

ADAMS, Cristina. As populações caíçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 195-223, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111689>. Acesso em: 11 abr. 2024.

AGUIAR, Ana Clara Novaes; GONÇALVES, Jhessy Santos; MELO, José Douglas Gama. Uso medicinal da Samaúma (Ceiba pentandra): Revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, e4812641912, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/371388753_Uso_medicinal_da_Samauma_Ceiba_pentandra_Revisao_de_literatura. Acesso em: 18 nov. 2024.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. A formação e os muitos professores de Sebastião Mota. *In*: **Sabenças do Padrinho**. (org.) ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Ed. Eduerpa, Belém, 2021. p.57-95.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 11 abr. 2024.

FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. *In* Educação. Aperta: **Rivista di Pedagogia Critica**, n. 7, p. 242-261, 2020.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2015. Disponível em: <https://www.coletivopaulofreire.org/SME/acervo-paulo-freire/obras-de-paulo-freire>. Acesso em: 02 de jan.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Belo Horizonte: MP-MG, 2013. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentirpensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Rio de Janeiro: [Wak Editora](#), 2018.

OLIVEIRA, Augusto, De JESUS, Simone(organizadores). **Um Museu de Grande Novidades**. Iepa.Macapá, 2013.

RAVENA-CAÑETE, Thales Maximiliano. “Populações Tradicionais”: origens, definições e usos dentro da Antropologia brasileira. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 61, p. 324-355, 2023. <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2023v1n61ID28044>.

VELTHEM, Lucia Hussak van. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan.-abr. 2012.

WALDMAN, Maurício. O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo: USP, v. especial, p. 223-236, 2012.

Submissão em: 23/06/2025.

Aprovação em: 30/01/2026.